
RESENHA

ECONOMIA SEM GRAVATA: UMA OBRA DA ÁREA DE ECONOMIA COM CARÁTER HUMANITÁRIO E DE GRANDEZA ÍMPAR

Por Marco Antonio Pinheiro da Silveira

Engenheiro de Produção Mecânica pela Escola de Engenharia da Universidade de São Paulo (USP). Mestre e Doutor em Administração pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV). Pós-doutorado em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP). Professor do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Rua Dr. Fausto Ribeiro de carvalho, 67, Jd Orlandina, São Bernardo do Campo, São Paulo. marco.pinheiro@prof.uscs.edu.br

A leitura da obra *Economia Sem Gravata*, do Prof. Dr. Paulo Jorge Reis Mourão, do Departamento de Economia da Universidade do Minho, Portugal, surpreende o leitor que de forma desavisada acreditava encontrar uma obra convencional da área de Economia. A surpresa se manifesta devido a dois principais elementos. Em primeiro lugar, chama muita atenção o grau de erudição que está presente no texto. Deve-se destacar que o termo erudição aqui traz o significado do se ancorar em obras que estão entre as mais relevantes produzidas pela humanidade, obras da literatura, além das obras de natureza técnico-científica. Neste sentido, também merece destaque o número expressivo de citações existentes em *Economia Sem Gravata* provenientes de artigos publicados pelo próprio autor, o jovem professor e pesquisador Paulo Mourão, em periódicos de alto impacto. Segundo o portal *ResearchGate*, suas publicações foram as mais lidas de seu departamento, em fevereiro/2018. Não bastasse isso, Mourão também busca em seus dois romances elementos que contribuem na análise econômica que realiza no livro. O segundo elemento surpreendente para o leitor de *Economia Sem Gravata*, que de certa forma se contrapõe ao primeiro, é exatamente sua característica de ser uma obra simples, acessível e que utiliza o tom coloquial, conforme destacado pelo próprio autor. Esta simplicidade está relacionada também com a presença no texto das situações cotidianas das pessoas, da busca pela va-

lorização das tradições e valores locais, como o próprio sotaque, que é algo tão valioso para todos nós. A combinação dos dois elementos citados conferem à obra uma grandeza ímpar, mostrando que sua proposta vai bem além da abordagem econômica, ainda que esteja centrada nela. Chama atenção o caráter humanista da análise e das proposições feitas. O leitor poderá perceber a presença destas características logo nos trechos introdutórios do livro, quando o autor traz uma discussão sobre o estudo, colocando o ato de estudar como algo que promove a elevação do ser humano, e sobre a importância do debate que visa construir, e não destruir. Paulo Mourão trata então da felicidade em sua obra sobre economia e desenvolvimento econômico, lembrando que ninguém vive solitário e destacando o conceito de instituições. A comparação entre satisfação obtida por um garoto que recebeu uma medalha de cortiça em uma corrida rua e a do homem solitário que recebe um milhão de euros mostra a essência da proposta de análise econômica trazida pelo autor. Ele lembra bem que é melhor sermos felizes do que entrarmos em campeonatos que não nos pertencem.

A abordagem apresentada pelo Dr Paulo Mourão se volta para a economia de Portugal. Porém, um exercício interessante para o leitor pode ser observar o que há de universal em sua análise, e o que há eventualmente de local. Pode-se avaliar, por exemplo, como obra se aplica em países específicos, como por exemplo o Brasil. *Economia Sem Gravata* está estruturado de forma bastante palatável, clara e fluida. Após a Introdução, no capítulo 2 o autor trata do desequilíbrio regional existente em Portugal. Muitos países, como o Brasil, vivem este desequilíbrio. O capítulo trata mais diretamente da importância da valorização das bases locais, trazendo exemplos como a importância dos concertos musicais, parques infantis, do malefício trazido pelas grandes vias. É expressiva a menção às silvas, que são frutos existentes naturalmente na paisagem portuguesa. A desertificação do interior faz com que as silvas não sejam aproveitadas. Paulo Mourão cita o grande escritor Miguel Torga como mártir do desenvolvimento regional, ele que era um IETI (Intelectual ou Escritor Tendencialmente do Interior). Então Mourão apresenta os quatro pilares errados em que a Economia Regional tem se apoia-

do, e em seguida os quatro pilares certos, que têm foco em desenvolvimento como algo que vai além da produção, que valoriza os agentes regionais, os setores endógenos e protagonismo dos agentes regionais. No capítulo 3 o autor trata das crises e das oportunidades que oferecem. Para falar do mundo em que as fronteiras se extrapolam, traz Fernando Pessoa, citando “não somos do tamanho da distância entre os pés e o nariz mas somos do tamanho do que vemos – e do que construímos”. Refere-se ao aspecto desumano que está presente na globalização das crises e também à armadilha da pobreza, que consiste no “dar esmolas” às regiões, oferecendo obras elefantes brancas, ao invés de se fazer um bom investimento capitalizando o montante base. Chama atenção a seção que trata dos “invisíveis”, que são os idosos, rurais, marginalizados, e outros, em que o autor alerta para o fato de que os déficits de bem estar não são suportáveis. É muito interessante o exemplo dado por Paulo Mourão ao tratar dos caminhos para a crise. Ele conta que comprou castanhas vindas da China, um produto existente em Portugal. É realmente surpreendente a citação que faz de As Vinhas da Ira, mencionando que disseram ao personagem Joad que os mercados tinham ficado com sua casa e sua terra. Mas Mourão afirma que o mercado somos nós, indicando assim que os produtores locais têm suas opções, procurando atuação local e a atuação cooperativa. A tentativa de fazer analogia com o Brasil faz pensar no trecho

da música de Luiza Gonzaga “Só deixo meu cariri, no último pau de arara”. O autor finaliza o capítulo que trata das crises lembrando que a solução sempre passa pela educação, criticando a EuroDisney e trazendo mais uma vez o exemplo de uma instituição portuguesa – a marmita, que reúne em torno dela a família. Paulo Mourão oferece assim uma abordagem que trata de economia com sabedoria. Aliás, no início da obra o autor apontou que os sábios não servem para governar, mas para propor, indicar. E *Economia Sem Gravata* cumpre muito bem seu papel. O capítulo 4 vem tratar das novas políticas e novos políticos. Menciona o importante papel dos eleitores e cita o exemplo do município de Porca de Murça, que prefere os trabalhadores de fora aos de dentro. Também trata dos JULIA (Jovens Universitários Licenciados Inativos na Autarquia), que são parte da realidade de Portugal, diferentemente da do Brasil. Mas a base da análise é a questão da busca pela valorização do que já existe no local – praticando a Economia Social -, e no fazer escolhas! E ele lembra que o tempo é curto! No último capítulo, Paulo Mourão apresenta as cinco grandes propostas para o que ele chama de Desenvolvimento sem Gravatas, que pode ser entendido como o desenvolvimento que contempla a povo e parte também dele, de suas tradições e valores. Vale mencionar, por último, a beleza das ilustrações produzidas por Andreia Enes, que enriquecem sobremaneira a obra.

ECONOMIA SEM GRAVATA

Paulo Reis Mourão

Editora Chiado. Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, 238 páginas, ISBN 9789895133567, 2015